

Paulo Ferreira da Cunha e nossos tempos crepusculares

(Prefácio a *Fragmenta moralia: fragmentos de moral & lógica*. João Pessoa: Porta, 2024)

Chie Hirose



Ilustração da capa por PFC

Quando recebi, com imensa honra, o convite para prefaciar este novo e precioso livro de poesias de Paulo Ferreira da Cunha, aceitei na condição de discípula, que continuamente tem aprendido com o mestre há já 15 anos, de frequente convívio no Cemoroc, centro de pesquisas da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Um convívio e aprendizado que me foi muito proveitoso para a realização de meu doutorado e dos pós-doutorados, na mesma Feusp e em minha docência universitária. Mas, para além do influxo

acadêmico o pensamento do Prof. Paulo nos traz o agudo diagnóstico dos problemas e desafios de nosso tempo, tão necessários para nossa vida pessoal e, em meu caso, também profissional, como professora alfabetizadora de escolas públicas de uma cidade como São Paulo.

Especialmente em muitos de seus artigos científicos recentes, o Professor Paulo (gosto de chamá-lo assim) recusa o encerramento em torre de marfim, como o fazem outros intelectuais:

Há duas formas de o intelectual viver e escrever (...) nos tempos crepusculares que nos é dado viver. Uma é investigar e escrever como se o tempo e o espaço envolventes não existissem, a nossa circunstância não contasse, e a *scientia* fosse algo de puro e arquetípico, independentemente de todas essas variáveis e envolventes (...).

(<http://www.hottopos.com/convenit44/pfc2.pdf>. “Paideia”
Convenit 44, 2024)

E ele assume a outra postura:

(...) O que visamos aqui e agora, pelo contrário, é uma reflexão ligada diretamente ao solo da realidade atual, atravessada pelos seus vendavais, e perscrutando os ventos que se adivinham num horizonte carregado de nuvens. (...)

Em tempos de consternação, de medo, de desnorte, é importante voltar ao essencial, ao vital. Afinal, cada um tem de parar, ainda que seja só uma meia hora, e perguntar-se o que anda aqui a fazer, e o que andamos todos aqui a fazer.

E assim, o pensamento de PFC – junto com as grandes questões filosóficas e jurídicas – volta-se também para a Educação, até em suas formas mais quotidianas. Falando de nosso tempo, avalia:

Ao mesmo tempo que as pessoas se naturalizaram e passaram a ser mais espontâneas, vindo à superfície o que lhes vinha na alma, sem filtros, ocorriam outros fatores que, todos em conjunto, podem colocar alguns problemas e lançar desafios. Por exemplo, as regras de convivência, civilidade, etc., deixaram

em grande medida de ser aprendidas, quer nos *media*, quer na escola, quer na família.

(<http://www.hottopos.com/convenit44/pfc2.pdf>. “Do espelho à montanha pmtnahPaideia” Convenit 44, 2024)

Nesse sentido, o autor analisa, com humor e concretude, os exageros da espontaneidade (por vezes, puro egoísmo), desde o modo bruto de conduzir no trânsito a exageros de informalidade no trato com o próximo, que pode ser puro desrespeito.

Tentemos uma síntese: se, por um lado, a sociedade se desoprimiu socialmente, e se deixou de estar mergulhada numa teia de dogmáticos e hierárquicos interditos e corveias absurdas, certo é que também se terá levado longe demais, em alguns meios e situações, a abolição de portagens entre o interior e o exterior das pessoas, entre o sentido e o desejado (e nem sequer pensado), por um lado, e o dito e feito por outro. Digamos que o primarismo ganhou terreno em muitos sobre as reações mais ponderadas, amadurecidas, secundárias. O ideal seria um meio-termo de moderação.

Nesses artigos mostra-se uma grande qualidade do pensamento de PFC: uma imensa erudição e fundamentação teórica unida a um delicioso e arrebatador senso do concreto. Essa poderosa ponte entre o abstrato e o concreto (nem sempre presente nos intelectuais) é o que na Idade Média se chamava de *vis cogitativa*, uma espécie de inteligência do concreto e que é distintiva das análises de PFC.

Esse senso do concreto, em interação com o intelecto, torna-se poesia nesta obra, *Fragmenta Moralia*, com o sutil trocadilho no subtítulo *Fragmentos de Moral e Lógica*. Trata-se de uma recordação dos tempos de estudante em Coimbra: houvera tempo em que o bedel chamava os alunos em voz alta para os exames. E uma das cadeiras do curso de Filosofia era: “Moral e Lógica”. Mais tarde, reza a tradição oral coimbrã que a dita matéria mudou de nome para “Lógica e Moral” (o que em fonética lusitana resulta em “Lógica imoral”). Quando nos lembramos que moral vem de *mos*, *moris*, o costume, a de nosso tempo, realmente, em alguns casos pode soar como ilógica.

É o que nos revela o olhar do autor, por exemplo em:

À MANEIRA ARCAICA

Passeia vago pelas ruas
E acerca-te dos rostos
Dessas gentes
Que no afã demente
Deste tempo fugaz, feroz,
Contigo velozmente
Distraidamente
Se cruzam.

Não tens necessidade
De penetração de espírito
Ou agudeza especial.
Basta a lhana perícia
Do bom senso.

E pergunta-te:
Que preocupações
Que cuidados
A cada qual nutrem?

Ficarás inteirado
Que ademais as labutas
E privações
Da superficial
Mas dorida
Existência
Pouco mais queda.
E o que sobeja
Será de mui pouca valia.
Pois se amarra a invejas,
Ódios, vaidades tão imensas
Que passam de pecado mortal
A venial, pelo uso,
Pelo erro comum
Que se faz lei.

Elevar-se a gente
Implica assim duas cousas:
Que antes de mais

Se provenha a todos
Ao sustento básico da vida;
E que se nutra de abondo
Nas escolas e outros meios
O alimento da mente
E da alma
Para que não vagueie
Vã e desocupada
De quanto veramente importa
Ademais o imediato sustento.

Programa este mínimo
Para gerações futuras
Que estas nossas de agora
Se estão quedando certamente
Muito distraídas.
E já não as conseguiremos
Acordar.

Ou nestes versos de:

MÍNIMO DENOMINADOR COMUM

(...)
Ora, o que parece circundar-nos
É desordem civilizada, tecnocrática
Absurda.

Circulam, circulam
Por vezes falam.
São gentes que têm
Todas as latências e potências
Do género humano.
Mas a quem a falta
De Educação
Reduziu – e como! –
À expressão mais simples.

Este nosso tempo, que o mundo do trabalho quase nos impõe uma nova
escravatura:

INFERNOS
(...)
São servidões mentais
Anímicas
Em que se vende a alma
E se hipoteca a inteligência.

Os exemplos multiplicar-se-iam, mas paro o “spoiler” por aqui: é melhor o leitor acompanhar por si o caminhar contemplativo-crítico do autor.

Não posso encerrar este Prefácio sem me lembrar, com muita gratidão, de uma entrevista, um longo diálogo com PFC sobre sua infância, como mais uma dentre os mais de cem autores que escrevemos em sua homenagem em 2020-2021 (em dois nutridos volumes “Pensar, Ensinar e Fazer Justiça” – <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/KapenkePFC.pdf> e <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/LivroPFC2.pdf> – e alguns volumes de revistas acadêmicas).

Nessa conversa, “Paulo Ferreira da Cunha, relembando os primeiros anos” (<http://www.hottopos.com/isle37/6PFCEntrevistaChie.pdf>), o Professor Paulo nos conta como, desde pequeno, já se deleitava com poesia. Emocionei-me muito ao reencontrar o menino Paulo da entrevista na comovente “Iniciação”. O leitor atento relacionará as memórias de infância de PFC também com algumas outras “autobiográficas” poesias desta obra.

E é com intensa emoção que vejo nesses *Fragmenta* uma coroação daquele talento inato e de sua vocação poética.

São Paulo, 29 de junho de 2024

Chie Hirose

Professora, graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP, Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima e Doutora pela Faculdade de Educação da USP, com dois Pós-doutorados em Educação na Feusp

Recebido para publicação em 27-09-24; aceito em 04-10-24